

## **LAÇO:** A CONSTRUÇÃO DE UMA LIGA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA

Lara Brum de Calais<sup>1</sup>  
Ana Carolina Marendino Rodrigues<sup>2</sup>  
Bruna Damaceno Furtado<sup>3</sup>  
Camila Soares da Silveira<sup>4</sup>  
Luiza Costa Iunes Sa Fortes<sup>5</sup>  
Marcos Vinicius Lucas da Silva<sup>6</sup>

### **RESUMO**

O principal objetivo desse artigo foi apresentar experiências vividas e atividades realizadas por um grupo de estudantes a partir da criação da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária - LAÇO, assim como elucidar sobre a motivação para o seu processo de formação. Para tanto, fomentou-se a discussão que abarca o processo de constituição de uma Psicologia Social tanto no seu percurso histórico, quanto na formação crítica do próprio grupo de alunos em uma instituição de ensino superior. Sendo assim, utilizou-se o arcabouço teórico da Psicologia Social de uma perspectiva crítica, enfatizando a dimensão política e a pluralidade das existências em nossa sociedade. Em consonância, destacou-se a ação coletiva como forma de fortalecimento, conscientização e emancipação de sujeitos impulsionados ao engajar de processos de protagonismos e transformações de suas realidades. Em adição, discutiu-se a respeito de duas ações - no âmbito da extensão - promovidas pela LAÇO, sendo estas: “Conversando sobre Juventude e Direitos” e “Acolhimento e Juventude”, nas quais destacaram-se a relevância dos espaços de reflexão, questionamentos e desnaturalização dos processos sociais, sempre pautados na ética e no compromisso político da Psicologia, viabilizando e potencializando o emergir de novos caminhos e ações.

Palavras-chave: Psicologia Social e Comunitária. Liga acadêmica. Coletivo. Juventude

<sup>1</sup>Docente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientadora. Doutora em Psicologia pela UFJF. E-mail: laracalais@hotmail.com

<sup>2</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: anamarendino@gmail.com

<sup>3</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: bbrunayes@gmail.com

<sup>4</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: camilasoares115@hotmail.com

<sup>5</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: luiza98costa@gmail.com

<sup>6</sup>Discente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: marcos15.lucas@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e, ao mesmo tempo, problematizar a constituição de uma Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária – a LAÇO – como ação coletiva que potencializa práticas transformadoras, tanto no contexto de formação em Psicologia, quanto na realidade social. Neste sentido, cabe uma breve apresentação sobre o movimento que uniu estudantes com um desejo compartilhado de agir politicamente, diante de um cenário histórico de desigualdade social e práticas psicológicas, muitas vezes, descoladas da pluralidade de existências de nossa sociedade.

A sigla LAÇO representa a potência do afeto e da criação de “laços” como forma de resistência às opressões e violências perpetradas diariamente. Assim, enquanto coletivo de estudantes, busca contribuir para a constituição de uma Psicologia crítica, comprometida com a realidade social, compreendendo os aspectos históricos, culturais e políticos que atravessam a formação do/a estudante de Psicologia.

Com base na perspectiva da Psicologia Social e Comunitária, as práticas da Laço iniciaram-se tendo como referencial a necessidade de uma reflexão crítica sobre o posicionamento de um saber que, em análise geral, como aponta Martin Baró (1996), por muito tempo esteve míope à realidade social. A metáfora da miopia materializa o distanciamento forjado por uma diversidade de fatores, dentre eles, também os ocasionados pela própria formação acadêmica.

A partir deste panorama, foram desenhados os princípios norteadores da liga, tendo como base: desenvolver práticas sociais através de discussões críticas e ações que problematizem as realidades sociais e contribuam para a transformação; romper com lógicas assistencialistas e não compactuar com a manutenção de sistemas de privilégios que sustentam hierarquias sociais; fortalecer a consciência crítica, questionando os processos históricos de

opressão, desigualdades e exclusão social; possibilitar espaços de produção coletiva que contribuam para emancipação dos sujeitos envolvidos; pautar o compromisso ético e político da Psicologia diante dos cenários sociais contemporâneos; e atuar, sobretudo, através do afeto enquanto atuação política que potencializa práticas de transformação.

Neste sentido, o presente artigo abordará em seu desenvolvimento uma breve contextualização teórica sobre a perspectiva sócio-comunitária, trabalhando sua relação com o processo de formação crítica em Psicologia. Posteriormente, serão apresentadas algumas ações desenvolvidas pela Laço no formato de relato de experiência, pautando uma discussão sobre os possíveis efeitos de emancipação das mesmas.

## **2 O PERCURSO DE UMA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Faz-se necessário elucidar, primeiramente, o ponto de partida tomado para a compreensão de uma Psicologia Social. Ou seja, o pressuposto aqui adotado é de uma Psicologia constituída na relação constante com seu meio, seu contexto histórico e, por isso, sujeita a mudanças.

Ao se abordar essa Psicologia no contexto da América Latina, vislumbra-se que a mesma teve sua construção engajada com as especificidades dos povos da América Latina. Neste sentido, configura-se enquanto produto de uma crise, com sua gênese na constatação de uma significativa discrepância no modo de conceber e fazer a Psicologia Social no âmbito das academias norte americanas, que concentravam seus estudos na busca rigorosa por status científico. Imersos em uma lógica positivista, de controle de variáveis do método experimental, baseando-se em um individualismo metodológico e considerando principalmente os dados positivos da realidade, pautavam suas pesquisas em uma suposta assepsia científica. Na tentativa de estabelecer leis universais aplicáveis a todos os indivíduos,

perde-se a compreensão das diferentes e plurais realidades nas quais os sujeitos se encontram e se fazem.

Na década de 60, os contextos latinos passavam por inúmeras instabilidades e turbulências advindas das revoluções, governos autoritários e golpes de estado que se instalavam nos países. Dessa maneira, os/as psicólogos/as latino-americanos/as, ao acessarem o arcabouço teórico estadunidense, constatam uma escassez de possibilidades de atuação, uma não compreensão de problemas concretos e a negligência no tocante ao compromisso com as populações, seus direitos e sofrimentos, corroborando uma situação de abandono há muito experienciada pelos povos da América Central e do Sul. Como salienta Martin Baró (2017):

o leitor latino-americano não deixa de sentir que os aspectos mais básicos de sua existência, de sua própria história não são nem mesmo tangencialmente considerados e, muito menos, estudados em profundidade (Martin Baró, 2017, p.102).

De acordo com Massimi (2010), “se existe uma característica comum para definir a América Latina do ponto de vista cultural e social, esta é a pluralidade” (p.35). Percebe-se, pois, como indicado, que uma das características em destaque da América Latina é sua própria pluralidade e, é dentro dessa perspectiva que busca-se compreender o objeto da psicologia social latino-americana; não como um objeto unívoco, mas sim como constituinte de um processo social e cultural frente às diversas realidades latino-americanas.

Massimi (2010) ainda afirma que “a memória histórica pode contribuir a esclarecer quais os sujeitos e os processos socioculturais significativos desta constituição” (p.54), reforçando a não eliminação das diferenças e sim a integração das múltiplas realidades. Nesse cenário, cabe elucidar o percurso teórico-metodológico no contexto da realidade brasileira. Ou seja, em paralelo às inquietações que emergiram na América Latina, no Brasil inicia-se também

um processo de aproximação à realidade, construindo possibilidades para uma Psicologia não avessa ao seu próprio território.

Destarte, a medida em que se situava a crise do conhecimento psicossocial, os psicólogos brasileiros, ancorados pela perspectiva de uma Psicologia Social crítica, também impulsionaram o emergir de suas inquietações, problematizações e demandas de reflexão a respeito das práticas de uma psicologia que se envolvesse com as contradições da realidade e instigasse transformações sociais. Silvia Lane (1984) estabelece uma crítica e indaga sobre como seria possível dar conta de um indivíduo que é criativo e transformador, pautando nossas ações na concepção de um sujeito abstrato de laboratório, que só existe em manuais de psicologia. Dentro dessa perspectiva, emergiram eventos e associações - tais como a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social, ABRAPSO - que trabalharam significativamente proporcionando e delineando novos rumos para uma psicologia social que escutasse a realidade brasileira e promovesse uma aguda revisão epistemológica, uma vez que, até então o que se percebia era que “o contraste entre a realidade vivida e a realidade dos livros é, no mínimo, chocante.” (MARTIN BARÓ, 2017, p. 102)

Sendo assim, essas movimentações foram ao encontro de uma psicologia social que se alicerça na perspectiva do materialismo histórico dialético, com o intento de superar a tradição biológica própria da história da psicologia. Além disso, dessa maneira também se voltam “para trabalhos comunitários, agora com a participação de psicólogos peruanos, mexicanos e outros” (LANE, 1984, p. 11). Constitui-se portanto, dentro desse contexto, a noção de “psicologia comunitária”,

O emprego desta expressão parece indicar um tipo de prática da psicologia social, em que há a explicitação de um compromisso político favorável aos setores populares, além de apontar para as críticas que têm sido feitas às teorias reducionistas e a-históricas em psicologia (FREITAS, 1996, p. 68)

Pode-se pensar, portanto, como característica central dessa psicologia em ascensão, uma atuação situada no campo, com uma valorização da prática em articulação com a teoria. Com essa aproximação da psicologia com a população, seu compromisso passa a circundar a vida dos segmentos mais marginalizados, o que culminou em uma deselitização da profissão, “ao mesmo tempo em que as práticas foram ganhando uma significação política de mobilização e de transformação sociais.” (FREITAS, 1996, p. 66)

Tomando como base essa contínua transformação, ao se pensar a formação em Psicologia, percebe-se a real necessidade da mesma caminhar junto às implicações sociais, realizar uma práxis que vise “a transformação social e individual, a incorporação das culturas populares, a participação social” (MASSIMI, 2010, p. 55), contribuindo para uma formação pautada em referenciais éticos e políticos.

Tal perspectiva é corroborada por Martín Baró (2017), que chama a atenção para a necessidade de inserção da Psicologia na realidade social, já no processo de formação. Assim, torna-se possível uma formação crítica, baseada em um compromisso com a transformação da realidade, ou seja, uma alteração das lógicas de dominação e opressão existentes em nosso contexto. O autor afirma que a partir de pesquisas e inserções na realidade social, durante o processo de formação, é possível uma compreensão dos problemas que afligem a sociedade, compreendendo de maneira prática, como os sistemas de desigualdades operam no dia a dia das pessoas.

A formação crítica, inserida na realidade social e, considerando todos os seus aspectos, permite o exercício de uma Psicologia distinta de seu percurso histórico, deixando de atuar como mecanismo de manutenção das lógicas de dominação, e atuando em prol da produção de fissuras que oportunizem uma transformação dessa realidade, considerando as problemáticas que atravessam as relações de desigualdade no país (MARTÍN-BARÓ, 2017).

Nesse sentido, faz-se necessário, reavivar o contexto no qual há o surgimento da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária - LAÇO,

uma vez que a mesma pode ser entendida como uma forma de resistência e de estratégia para o fortalecimento de uma formação crítica em Psicologia, tendo sua gênese no movimento coletivo de estudantes. Isto, a partir da proposta de inserção nos diversos contextos sociais que constituem a cidade, possibilitando de forma dialética, uma atuação e formação crítica de caráter transformador. Pretende-se ainda, a mesma formação crítica no próprio processo de construção coletiva, que em si já representa a experiência de um processo político e formativo.

Desse modo, destaca-se a relevância da ação coletiva como uma possibilidade de construção e fortalecimento da dimensão de pertencimento, conscientização e emancipação dos sujeitos, sendo estes, os principais norteadores para as ações realizadas pela Liga Acadêmica em questão, sendo as mesmas evidenciadas a seguir.

### 3 METODOLOGIA

A atuação da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária baseia-se em metodologias participativas (Spink, 2008), priorizando a horizontalidade dos processos de decisão e operacionalização das ações. No eixo de metodologias participativas, tem-se a proposta de interface entre pesquisa e extensão, ou seja, parte-se da ideia de que conhecimento e ação estão imbricados e, ao agir em sociedade, também se produz conhecimento sobre a realidade.

Neste sentido, a metodologia é entendida como processo, priorizando a relação com o campo e a dimensão participativa de suas ações. Pautada em um referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-comunitária, as atividades da Liga também têm como base o fortalecimento do tripé ensino, pesquisa e extensão. De modo sumarizado, as atividades de ensino se relacionam ao fortalecimento do arcabouço teórico em questão, assim como a discussão de temas éticos, sócio-políticos e culturais, através da realização de

grupos de estudo, assembleias e eventos acadêmicos; já no âmbito da pesquisa, o pressuposto participativo aponta para uma relação constante entre intervenção e produção do conhecimento, ocasionando a produção de trabalhos acadêmicos que surgem a partir da prática junto às comunidades e na formação oferecida pela própria participação em um coletivo; por fim, a Liga acadêmica cumpre sua principal função na dimensão da extensão, com a realização de atividades extracurriculares em contato com as comunidades, a fim de potencializar a consciência crítica e a compreensão da sociedade como sujeito do processo de formação; além do desenvolvimento de propostas que problematizem e promovam intervenção sobre as lógicas que sustentam contextos de vulnerabilidade social nos níveis micro e macrosociais.

Tais modos de ação, conforme ressaltam Batista, Bernardes e Menegon, (2014, p. 101), implicam “em posicionar as pessoas participantes como protagonistas na construção do conhecimento”. Nesta lógica, observar, participar e intervir pressupõem um envolvimento com a situação e, como consequência, um contínuo exercício reflexivo e questionamento sobre o saber/fazer da Psicologia.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A LAÇO se formou e se organizou, a partir do incômodo de alguns estudantes com o distanciamento do processo de formação da realidade social, frente às diversas problemáticas que atravessam os contextos de Juiz de Fora. Nesse sentido, os/as estudantes se mobilizaram, no intuito de possibilitar uma formação crítica, bem como a construção de uma prática em prol da transformação da realidade.

Relacionados a esses objetivos, Lane (1994), traz uma importante conceituação sobre a concepção de sujeito, pautando que este transforma e é transformado pela realidade de forma dialética. Segundo a autora, o sujeito é atravessado e construído pela história e o contexto que o precede. Contudo,



esses são construídos ao longo do tempo pela ação do próprio homem no mundo e, nesse sentido, produz-se uma afetação recíproca entre o sujeito e o mundo.

A partir dessa concepção, Martín Baró (1996) aponta que para se promover uma transformação da realidade desigual e opressora, que atravessa o nosso contexto e constitui subjetividade, faz-se necessária a conscientização das minúcias que constituem as relações, os aspectos históricos e as lógicas hierárquicas que as atravessam. A conscientização do sujeito permite que este torne-se, de fato, sujeito de sua existência e dessa forma atue no mundo, de maneira a transformar as suas relações.

Se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social (LANE, 1994, p.35).

A Psicologia deve, enquanto prática transformadora, atuar na desconstrução das ideologias dominantes que sustentam sistemas de desigualdade. Essa se apresenta enquanto saber facilitador, para que os sujeitos assumam lugares de autonomia de suas existências, através da conscientização da realidade. Sobre esta última, é importante destacar que a mesma não se dá de maneira impositiva, ou por uma perspectiva paternalista de transmissão do saber. A conscientização se forma a partir do diálogo e da atuação, em que o sujeito obtém de maneira gradativa a percepção dos aspectos que constituem o seu mundo, os elementos que o mantêm em condições de opressão e exploração, e as lógicas que sustentam as relações vivenciadas. A partir desse novo saber sobre sua realidade, é possível assim, construir novas práxis nesse mundo, que alterem o seu modo de funcionamento e permitam a transformação da realidade, possibilitando a vivência da liberdade e autonomia (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Ancorado nesses pressupostos, ao longo dos seus dois anos e meio de trajetória, a LAÇO realizou diversas ações coletivas, visando a aproximação

com a realidade social, assim como a vivência e aprendizado a partir desses espaços. Neste sentido, vislumbrou-se a possibilidade de construção de uma prática da Psicologia que oportunizasse espaços de reflexão, promoção de consciência crítica e discussões sobre o compromisso ético e político das ações.

Dentre as atividades realizadas pela LAÇO, encontram-se ações que buscaram uma aproximação com as realidades do município. A fim de ilustrar o trabalho realizado, serão destacadas duas das ações que alcançaram a comunidade e oportunizaram encontros férteis para a problematização das questões sociais.

### 4.1 CONVERSANDO SOBRE JUVENTUDE E DIREITOS

Em agosto de 2017, a LAÇO apresentou como proposta a ação “Conversando sobre Juventude e Direitos”, mediante a comemoração do dia 12 de agosto, Dia Internacional da Juventude. Nesse sentido, a partir de contatos já existentes, buscou-se uma inserção em três escolas públicas do município de Juiz de Fora, no intuito de promover com os jovens uma discussão sobre ser jovem, sobre os diversos marcadores sociais que atravessam essa juventude (tais como raça, território, classe, entre outros), e de promover ainda uma discussão sobre as situações cotidianas que envolvem questões de opressão, desigualdade e violação de direitos.

Com a intenção de fomentar o pensamento crítico e incentivar ações transformadoras, a ação foi organizada em três momentos. O primeiro momento, denominado Jogo dos Representantes, teve como principal objetivo gerar uma reflexão sobre palavras ou situações que representassem aqueles jovens, indo desde “considerar-se inteligente” até “se já vivenciou alguma situação de preconceito”. O segundo consistiu em uma atividade onde os/as jovens foram subdividido em grupos menores, nos quais os participantes eram convidados a levantarem alguma situação de “opressão” vivenciada por

eles/as. A proposta era de que pudessem representar tais relatos através de poesias, desenhos e encenações. Em seguida, estas situações foram apresentadas e discutidas em um grupo maior, dando abertura para o terceiro momento, no qual foi realizada uma roda de conversa sobre o Estatuto da Juventude e a dimensão de direitos.

Ao longo da atividade, foi possível relacionar as situações de desigualdade, preconceito, dificuldades de acesso, entre outras demandas, com a dimensão dos direitos e suas violações, além de um momento de compartilhamento de situações marcantes em suas vidas, mas que também atravessavam o contexto coletivo. Tal proposta demonstra a importância da criação de espaços de discussão e reflexão a respeito de assuntos que afetam o cotidiano de jovens, principalmente em contextos de periferia..

Temáticas como racismo, violência policial, cerceamento de direitos, medo da circulação na cidade, falta de oportunidades de trabalho e educação, homofobia, entre outros, foram levantados pelos/as jovens como recorrentes em seus cotidianos. Neste sentido, pensar uma atuação junto a juventude se ampara na ideia de que a ação política da juventude pode buscar questionar a lógica instaurada, apostando na potência do coletivo para a desnaturalização das relações sociais, trazendo novas formas de manifestação e existência (MAHEIRIE, et. al, 2012).

Desse modo, torna-se possível pensar também em outros modos de subjetivação da própria experiência concreta, uma vez que, ao ser afetado por ela, o sujeito articula novas possibilidades de agir tanto no âmbito público, quanto no privado (MAHEIRIE, et. al, 2012).

### 4.2 ACOLHIMENTO E JUVENTUDE

Buscando a continuidade nas ações voltadas para a juventude, novamente no período próximo a comemoração do dia internacional da juventude, foi construída ação “Acolhimento e Juventude”, que aconteceu em

setembro de 2018. Com o maior reconhecimento da Laço, adquirido no segundo ano de trabalho, a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, por meio da Proteção Social Especial, propôs uma parceria à Liga, com o objetivo de realização de intervenções em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes sob tutela do Estado que são afetadas por contextos de vulnerabilidade social e violação de direitos.

No total, foram realizados três momentos de discussão na instituição, tendo como proposta a continuidade para o próximo ano. Em uma sucinta descrição dos encontros, vale destacar: a primeira ação teve como foco o reconhecimento do local e a aproximação com os/as adolescentes e jovens moradores da casa, possibilitando a criação de vínculos com a equipe da Laço, para ações futuras. Coube também, um cuidado ético para não ocasionar ações invasivas ao contexto, respeitando o tempo necessário para a construção de uma relação de confiança.

Neste sentido, foram realizadas atividades lúdicas, jogos e brincadeiras que fomentavam a relação entre os/as participantes, tais como: dinâmica de apresentação com fitas; brincadeira "o mestre mandou" como uma dinâmica de "quebra gelo"; brincadeira de dança das cadeiras; dinâmica da "caixa do espelho", na qual uma caixa com um espelho no fundo foi apresentada para os/as participantes, sendo dito aos mesmos que nela continha algo de grande importância e valor. Cada um foi instruído a observar o que havia na caixa e, posteriormente, descrever o "objeto". Seguiu-se a esse momento, uma produtiva conversa sobre as características dos/as jovens, assim como de suas experiências de vida e relações estabelecidas com a situação de acolhimento institucional.

Neste primeiro momento, foi importante trabalhar a ligação das ações entre os sujeitos e com o grupo. Além disso, o encontro teve como intuito o levantamento de necessidades, identificando as demandas dos adolescentes e jovens para que as intervenções fossem realizadas com a participação ativa de todos.

Já no segundo momento de atuação, a união entre os moradores da casa de acolhimento ocupou o centro das ações. Novas dinâmicas foram realizadas, desta vez visando, além da interação, a criação de um lugar de fala para os/as jovens. Para tanto, as seguintes ações foram realizadas: a brincadeira do “nó humano”, na qual em uma roda os participantes são chamados a memorizar quem estava ao seu lado esquerdo e direito e, após se misturarem, devem trabalhar coletivamente para desfazer o “nó” e voltarem à posição inicial; a dinâmica de “passar o balão sem as mãos”, que tem como finalidade ressaltar a relevância do companheirismo entre os membros do grupo para que o objetivo comum fosse atingido; e, por fim, a realização de uma roda de conversa, viabilizando um espaço aberto de diálogo e reflexão sobre as atividades, bem como sobre os sentimentos envolvidos, as experiências vivenciadas e os planos dos/as jovens para o futuro.

Em um terceiro momento, após os vínculos de confiança se encontrarem mais fortalecidos, a prática voltou-se para a realização de um “mapa afetivo” com relação ao lugar em que vivem. Neste sentido, os/as jovens foram convidados/as a desenharem suas impressões quanto ao local, refletindo em um momento coletivo, sobre as afetações proporcionadas pelo contexto.

Foi possível notar que ao longo das atividades, os/as participantes se tornaram mais espontâneos, com solicitações para falarem sobre suas vidas, seus planejamentos futuros, as adversidades do cotidiano em uma casa/instituição, entre outros elementos. Considera-se que o objetivo da ação foi alcançado, respondendo a uma demanda colocada pelos/as próprios/as jovens, de que tivessem um espaço em que suas demandas fossem efetivamente acolhidas e que oportunizassem uma maior visibilidade.

### 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na prática de uma Liga Acadêmica de Psicologia Social e Comunitária no ensino superior reflete uma mudança de perspectiva da

Psicologia que, comumente, é transmitida na formação. Trata-se de um exercício de tornar evidente o fortalecimento de teorias de perspectiva sócio-histórica e comunitária dentro do contexto acadêmico.

Ao pensar em práticas da Psicologia em um contexto sem muros, nos deparamos com uma falta de arcabouço teórico para a orientação de ações emancipadoras (SAWAIA, 2009). Desta forma, a Psicologia Social e Comunitária contribui na análise de questões sociais não exploradas por outras teorias e vertentes específicas da formação. Esta se constitui, de acordo com Sawaia (2009, p.2) “como um saber militante em nossas atuações em comunidade, em movimentos sociais, em políticas públicas de saúde e de assistência social, bem como em outras ações de caráter coletivo”.

Em segundo lugar, percebe-se uma articulação de estudantes com um propósito em comum: passar da passividade à atividade com práticas críticas em Psicologia. A proposta da liga acadêmica proporciona o estudo de teorias científicas de vertente crítica e política, assim como a articulação destas com a prática voltada para a comunidade, visando à transformação social.

O diálogo entre a academia e comunidade torna-se essencial no sentido em que ainda circulam práticas e leituras descontextualizadas sobre diferentes espaços, especialmente acerca do contexto comunitário (XIMENES; DE PAULA; BARROS, 2009). Desta forma, a articulação entre teoria e prática imbrica-se no processo de contribuir para uma aproximação da realidade social da população, buscando a compreensão e a atuação com compromisso ético e político nos contextos de vulnerabilidades existentes em nossa sociedade.

Neste sentido, a liga acadêmica no contexto do ensino superior, contribui para o desenvolvimento do protagonismo dos discentes. Assim, além do processo de promoção de autonomia e conscientização dos mesmos, possui o objetivo de ampliar as possibilidades destes de pensar em práticas, enquanto futuros profissionais da psicologia, marcadas pelo compromisso social.

Por fim, o desenvolvimento de práticas de caráter crítico para a Psicologia implica na potencialização de “ações em rede que partam do e

incidam no contexto comunitário em sua complexidade e multidimensionalidade” (XIMENES; DE PAULA; BARROS, 2009, p. 698). Portanto, revela-se a importância de espaços coletivos de reflexão, para que, através do contexto acadêmico e comunitário, a Psicologia continue se transformando e abrindo espaços para novos caminhos e ações de caráter ético-político de profissionais e estudantes.

### **LAÇO: THE CONSTRUCTION OF AN ACADEMIC LEAGUE OF SOCIAL AND COMMUNITY PSYCHOLOGY AS A TRANSFORMING PRACTICE**

#### **ABSTRACT**

The main motivation of this paper was to present experiences and activities carried out by a group of students through the creation of Academic League of Social and Community Psychology - LAÇO, as well as clarify the motivation behind it is creation process. Therefore, it was intended to instigate discussion on the formation process of Social Psychology as well as in the critical formation of the group of students in an institution of higher education. The theoretical foundation Social Psychology was used in critical perspective, stressing the political dimension and beings plurality in a society. In line with this, collective action stands out as a way of consolidate, awareness and emancipate individuals driven by engagement in achieving protagonism and transformation of their realities. In addition, two external actions performed by LAÇO were discussed: "Talking about Youth and Rights" and "Youth and Reception", highlighting the relevance of reflection spaces, questioning and denaturalization of social processes, based on the ethics and political commitment of Psychology, enabling and stimulating the emergence of new paths and actions.

**Keywords:** Social and Community Psychology. Academic League. Collective. Youth.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, C., BERNARDES, J., MENEGON, V. **Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa.** In: SPINK, M; BBRIGADÃO, J; NASCIMENTO, V; CORDEIRO, M (orgs). A produção de informação na pesquisa social. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Contribuições da Psicologia Social e Psicologia Política ao desenvolvimento da Psicologia Social Comunitária: Os paradigmas de Silvia Lane, Ignacio Martín-Baró e Maritza Montero.** *Psicologia & Sociedade*; 8(1): 63-82; jan./jun.1996

LANE, S. T. M. **A Psicologia Social e uma Nova Concepção do Homem para a Psicologia.** In: LANE, S.T.M. e CODO, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANE, S. **Psicologia Social: O homem em movimento,** São Paulo, Brasiliense, 1994.

MARTIN-BARÓ, I. Entre o indivíduo e a sociedade. In: MARTIN-BARÓ, I. **Crítica e Libertação na Psicologia: estudos psicossociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 101-161.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais.** Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos em Psicologia.** v. 2, n. 1, 1997, p.7-27.

MASSIMI, Marina. Matrizes de pensamento em Psicologia Social na América Latina: história e perspectivas. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs.). **Paradigmas em Psicologia Social: A perspectiva Latino-Americana.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.32 - 57.

MAHEIRIE, Kátia, HINKEL, J; GROFF, A; MULLER, F; GOMES, M; GOMES, A. Coletivos e relações estéticas: alguns apontamentos acerca da participação política. In: MAYORGA, Claudia; CASTRO, Lucia Rabello de; PRADO, Marco Aurélio Maximo. (Orgs.). **Juventude e a experiência da política no contemporâneo.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p.143 - 167.

SAWAIA, BaderBurihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.



## IV SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E PESQUISA

05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2018



SPINK, P.K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 20 (num.esp), 2008, p. 70-77.

XIMENES, Verônica Moraes; DE PAULA, Luana Rêgo Colares; BARROS, João Paulo Pereira. Psicologia comunitária e política de assistência social: diálogos sobre atuações em comunidades. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 4, p. 686-699, 2009.